




DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO	19 julho		



Regresso mundial ao matriarcado político?

Ao referir-me, interrogativamente, a um regresso mundial ao matriarcado político, estou a lembrar-me, obviamente, dos casos de Indira Gandhi, na União Indiana e de Sirimavo Bandaranaike, no Sri Lanka, actual denominação oficial de Ceilão. Ambos esses casos foram, digamos assim, probatórios de que o matriarcado político não é, na realidade, o contrário de êxito. Há, contudo, o caso de Golda Meir, que fez do primeiro-ministro de Israel uma figura ímpar, ou quase, de «savoir faire» político. Em contrapartida, em relação a este importa não esquecer o caso de Estela Martínez de Perón, ex-presidente da República Argentina, que pretendeu prolongar o peronismo para aquém de Perón, falhando, completamente, na sua pretensão... O tempo não volta para trás e, ainda que, em política, pareça, às vezes, voltar a lei da irreversibilidade, acaba sempre por se impor.

Nos últimos meses, porém, o regresso ao matriarcado político pareceu manifestar-se por modo expressivo. A subida ao poder de «mistress» Margaret Thatcher é, sem dúvida, o exemplo mais flagrante — e mais digno de reflexão. Com uma energia e um senso da oportunidade de que só duvidariam os que lhe subestimassem o talento de estadista, o actual primeiro-ministro do Reino Unido está a demonstrar que, para além dos exemplos negativos asiáticos e sul-americanos que trouxe à colação, as saias estão longe de constituir óbice de monta ao plausível exercício de qualquer múnus político. O caso recente, recentíssimo, de «madame» Simone Veil, que era ministro da Saúde do Governo da França e é, agora, presidente do Parlamento Europeu, não deixa, também, de ser sintomático. O triunfo retumbante dessa estadista francesa que ultrapassou a maioria absoluta na votação de que saiu vencedora justifica especial reflexão. Dir-se-á, também, que as mulheres que estão a dar cartas, politicamente, por essa Europa exprimem, também, com os seus êxitos, um regresso ao predomínio da Direita, que muito está a preocupar a Esquerda, cujos inêxitos são notórios (e preocupantes) para quantos os temem...

No concernente a Portugal, a possibilidade de acesso da eng.ª Maria de Lourdes Pintassilgo à cadeira curul do Governo de Lisboa, requer, por seu turno, especial atenção. Presumo (e muitos me acompanharão nesta presunção) que a insistência do Chefe do Estado português pela aceitação de Maria de Lourdes Pintassilgo do alto cargo de primeiro-ministro do Governo de Gestão tenha decorrido dos casos positivos de matriarcado político registados, desde há tempo, na política europeia. Mas tenham ou não as vitórias das sr.ªs Thatcher e Veil influido no pensamento e no sentimento (porque não acrescentar: no pressentimento?) do Presidente Ramalho Eanes, o certo é que ninguém verá com muita estranheza a presença da (ainda) embaixatriz de Portugal na UNESCO no palacete de São Bento, embora a curto prazo. É possível, senão provável, que Maria de Lourdes Pintassilgo, que está longe de ser uma neófita na política nacional, não chegue a sair do terreno das hipóteses, que é, afinal, o terreno movediço da Assembleia da República. No entanto, mesmo que, desta vez, a sucessão do prof. Mota Pinto estivesse fora não só dos seus legítimos projectos e ambições mas também da incerta realidade factual, nem por isso Maria de Lourdes Pintassilgo deixa de ser primo-ministeriável, senão a curto, pelo menos a longo prazo. Porque não há-de Portugal, mesmo sem seguir o exemplo das amazonas helénicas e brasileiras, assaz incompatível com este último quartel do século vigésimo, aceitar quando mais não seja a título experimental o moderno figurino do matriarcado político?

HUGO ROCHA

o Futuro